



JACKSON É POP | 100 ANOS



Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social

Jackson é Pop 100 anos

Brasília, outubro de 2019



Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social





A, E, I, O, U Ipsilon

O Centro Cultural Câmara dos Deputados e o Museu de Arte Popular da Paraíba têm o prazer de apresentar, no Salão Negro do Congresso Nacional, a exposição histórica Jackson É Pop – É 100, em comemoração dos cem anos de nascimento do cantor, compositor e instrumentista José Gomes Filho, o grande Jackson do Pandeiro (1919–1982).

Em mais de cinquenta anos de carreira, o artista dedicou-se, de forma animada e perseverante, à popularização da música nordestina. Enobrecer os gêneros legitimamente nacionais como o forró e o samba, impulsionando subgêneros tais como o coco, o xote, o baião, a quadrilha e o xaxado.

Filho ilustre da cidade paraibana de Alagoa Grande, morou também em Campina Grande e João Pessoa (PB), em Recife (PE) e no Rio de Janeiro (RJ), tendo trabalhado em orquestras de rádios e boates, lançado mais de trinta álbuns em formato LP e feito shows em muitos municípios do Brasil. Tocava zabumba, bateria e bongô e chegou à excelência da divisão métrica musical justamente com sua voz e seu pandeiro, instrumento que o tornou nacionalmente conhecido.

Cantores, compositores, críticos, biógrafos, documentaristas e fãs em geral destacam a forma única como Jackson do Pandeiro executava uma peça musical: sua performance sempre impressionava, pois unia técnica, sofisticação, intuição e poder de improviso. Ele era o Rei do Ritmo! Ao interpretar, de forma jocosa e espontânea, canções como Sebastiana (de Rosil Cavalcanti, 1953), Xote de Copacabana (Jackson do Pandeiro, 1954), O canto da ema (de João do Vale, Ayres Viana e Alventino Cavalcanti, 1956), Cantiga do sapo (de Buco do Pandeiro e Jackson do Pandeiro, 1959) e Chiclete com banana (de Almira Castilho e Gordurinha, 1959), por exemplo, imortalizou seu nome e virou ícone da cultura nordestina, ao lado de Luiz Gonzaga e Dominginhos, entre outros.

Esta mostra interativa, sensorial e pedagógica celebra, merecidamente, a vida e a obra de Jackson do Pandeiro. Sintam-se todos os cidadãos convidados a se orgulharem da Música Popular Brasileira e de todas as manifestações que singularizam e dignificam a cultura nacional. “Turururururi bop-bebop-bebop.”

Centro Cultural Câmara dos Deputados



TESOURO & PARTILHAS

A Universidade Estadual da Paraíba, através do seu Museu de Arte Popular da Paraíba - MAPP, inaugurado em 2014, vem desenvolvendo de forma sistemática exposições e eventos destinados à preservação e difusão das expressões da literatura, da música e das artes manuais.

Edificado às margens do Açude Velho, importante referência histórica da cidade de Campina Grande, o MAPP tem na sua instigante arquitetura o traço de Oscar Niemeyer - uma das suas últimas concepções. Carinhosamente conhecido como "Museu dos Três Pandeiros", por lembrar em sua forma esse instrumento consagrado na cultura brasileira, cujo apelido teria partido do próprio arquiteto, apaixonado pela música popular e admirador de Jackson do Pandeiro.

Esta mostra é uma extensão da exposição dedicada ao centenário de nascimento do ritmista paraibano, que hora acontece no MAPP, mostrando ao Brasil uma das mais influentes personalidades da música popular brasileira.

A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, através do Centro Cultural da Câmara dos Deputados, reconhecendo a importância desse legado, participam dessas comemorações, certos que neste gesto estarão irradiando para todo o país lição de vida de um brasileiro que nascendo pobre, negro e analfabeto até os trinta e cinco anos, foi capaz de superar adversidades produzindo uma obra dignificante, extraída das suas próprias raízes e dos mais diferentes aspectos de tempos e espaços da vida nacional.

Parte dos tesouros do rei do ritmo chega à Capital Federal, saindo da Paraíba para a partilha do conhecimento e deleite amplos.

Para alicerçar os próximos 100 anos.

Antônio Guedes Rangel Júnior
Reitor



1919

Nasce a lenda

José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, nasceu em 31 de agosto de 1919, em Alagoa Grande, na Paraíba.

Considerada a “Rainha do Brejo”, foi por lá que obteve os primeiros contatos com as batidas rudimentares do coco, através da mãe, Flora Mourão, reforçado pelo diversificado ambiente musical, indo dos cantadores de feira aos saraus promovidos no Teatro Santa Ignez.

O ator de filmes de faroeste, Jack Perrin, inspiraria os trejeitos e o apelido do menino criado solto, tendo como compromisso ajudar o pai, o oleiro José Gomes, e acompanhar as peripécias sonoras da mestra por sítios, feiras, povoados e aonde mais houvesse um forrobodó à base de coco, ciranda, maracatu, embolada, entre outros gêneros musicais e coreográficos.

Com a morte prematura do pai, a família parte para Campina Grande, onde Flora, Zé Jack, Severina (Briba), Cícero e João (Tinda), traçam um novo desenho para suas vidas, antes fadadas ao anônimo infortúnio.

A música mudaria seus destinos.



Carteira de Identidade: um artista brasileiro

Usina Tanques, desativada e em ruínas, na região onde a família Gomes morou, em foto da década de 1990. Hoje restam apenas escombros

Lagoa do Paó, local das travessuras infantis

Geralda (sobrinha), Jackson e Severina (irmã): a família em primeiro lugar



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

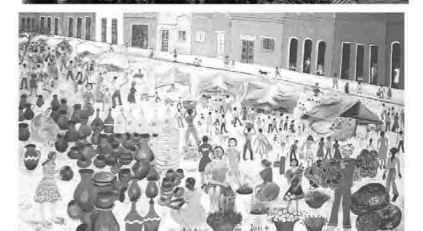
1930

Linda flor, linda morena

Campina Grande, “Rainha da Borborema”, abastado e pulsante entreposto comercial, estrategicamente situada no “centro” do Nordeste, sempre atraiu variados contingentes de trabalhadores, que ajudaram a moldar uma faceta empreendedora e alegre.

Frequentando “casas de recursos” (ainda menor de idade), difusoras, feiras e emissoras de rádio, o então já conhecido Jack do Pandeiro tocou bateria, mas firmou-se como pandeirista, ao lado do cunhado Zé Lacerda (irmão de Genival Lacerda, o “senador do rojão”), do sanfoneiro de oito baixos Geraldo Correia (com quem teve parcerias instrumentais gravadas), do também pandeirista Mauro Barros (irmão do compositor Antonio Barros) e de outros lendários bambas do forrobodó.

Na cidade cosmopolita, aperfeiçoaria seu dom natural, essencialmente rural, acrescentando à bagagem rústica outros formatos sonoros e peripécias pessoais. Do período, surgiria, em 1971, a autobiográfica “Forró em Campina”, onde daria indicações das raízes inexoráveis: “Bodocongó, Alto Branco, Zé Pinheiro, aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá...”.



No apogeu econômico, o algodão, o “ouro branco”, cobria as ruas de Campina Grande

No “Cassino Eldorado”, Jackson lapidaria a perícia rítmica e o traquejo amoroso

Açude de Bodocongó, visto do campus da UEPB. Por lá, Jackson foi feliz

Feira de Campina, em tela naif de Irene Medeiros, conterrânea de Jackson

Réplica cenográfica de antiga bodega, montada em restaurante da atualidade, fundindo tradição com atração



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

1948

Estrela regional

Após uma briga na «Mandchúria» (zona meretrícia), Jackson se muda para João Pessoa, ganhando espaços na Rádio Tabajara (berço musical do maestro Severino Araújo) e em conjuntos de baile, onde seria pupilo do iniciante maestro Moacir Santos. Com emprego certo e casa montada, manda buscar a família. A vida melhora, mas é nessa fase que sofre o maior revés até então, com a perda da venerada mãe. Casa de novo (com Maria das Dores) e é convidado a atuar em Recife, um degrau a mais na escalada. A estrela paraibana em breve seria regional.

A Rádio Jornal do Comércio, inaugurada em julho de 1948, surgiria em meio à efervescência musical do país, promovida pelas ondas da Rádio Nacional e a expansão da indústria fonográfica. Nasceria moderna e bem equipada. Jackson faria parte do cast inicial da emissora e ali concluiria o aprendizado artístico iniciado na Paraíba. Tocando pandeiro, bongô e cantando sambas e cocos, projeta-se no cenário local e conquista uma legião de fãs, chamando a atenção das grandes gravadoras, que buscavam alguém para enfrentar a hegemonia de Luiz Gonzaga, o imbatível campeão de vendagem de discos.

Por aqueles dias, nasceria um outro rei, o do ritmo. O baião recebia a companhia do coco.



Aos 27 anos, como pandeirista da Rádio Tabajara, na mais antiga foto conhecida. O maestro Nózinho (o mais alto) seria o responsável por sua mudança para Recife

Recortes do Jornal do Comércio (1953), destacando Jackson com a primeira «cumade Sebastiana» (Luiza de Oliveira) e sua futura mulher e parceira, Almira Castilho

Tocando bongô na Jazz Paraguay, fase de rumbas e sambas
Selos das primeiras músicas gravadas, ainda em Recife



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

1953-1967

Sina de Cigarra

Após o primeiro disco, em 1953, seguiriam outros sucessos, como “A Mulher do Aníbal” (Genival Macedo e Nestor de Paula), “Coco do Norte” (Rosil Cavalcanti) e “17 na Corrente” (Edgar Ferreira). Jackson e Almira, casados desde 1954 e residindo no Rio de Janeiro, iam colecionando apelidos dados pela imprensa: “dupla do barulho”, “dupla de ouro”, “dupla atração”, “dupla sensação”, “dupla-orgulho”, “casal infernal”, “dupla sapeca”, “par fenomenal”, “donos do ritmo”... Na intimidade, ele preferia “o jarro e a flor”.

No auge do sucesso, participam de 9 filmes, conquistam programas próprios em emissoras de tevê e rádio, compram apartamentos e gozam o estrelato com harmonia, humor e paixão adolescente: “Levamos, aqui no Rio, uma vida intensamente nordestina: na comida, na decoração do apartamento e nos costumes”, diria Jackson à “Revista do Rádio”. Em 1967 com o casamento desfeito, restaria o último grande sucesso da dupla, em parceria com Gordurinha, a emblemática “Chiclete com Banana”.

Por essa época recebe a chancela em disco que selaria para sempre sua vida e obra: “Sua majestade, o rei do ritmo”.



Unidos no amor e nos negócios, a «dupla de ouro» conquista o Brasil

Irmãos, cunhado e sobrinha passam a morar com o casal e a atuar artisticamente, formando o conjunto «Borborema»

Em cena de filme, cantando «Baião»

Capa do primeiro LP

Ao lado do presidente Juscelino Kubitschek, com outros artistas, em agradecimento pelo apoio à classe



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

1968-1981 Obra eternizada

Após a separação, Jackson conhece Neuza Flores dos Anjos, durante um show em São Paulo. No outro dia, com endosso dos pais, levaria a baianinha para casa, em Olaria, no Rio. Os próximos anos seriam de dificuldades financeiras, acidentes de carro e a retração da música regional, atropelada pelo avanço dos “estrangeirismos” e da Jovem Guarda. Produz muito, troca de gravadoras, mas não consegue o mesmo sucesso de antes. Penúria e ostracismo o acompanhariam por um bom tempo.

Com a queda do mercado discográfico, intérpretes e grupos, incluindo expoentes como Luiz Gonzaga, Marinês, Trio Nordestino e Dominginhos, passam a resistir com shows em praças, feiras, circos e outros locais menos “glamourosos”. Nesse período, Jackson conseguiria manter, ao lado do radialista Adelzon Alves, um programa de forró na Rádio Globo, atraindo esse universo “órfão”, contribuindo decisivamente para a sobrevivência profissional de artistas consolidados ou iniciantes.

«O Velho», como o apelidaria o meio artístico, a despeito da retração na popularidade e diversificada busca religiosa, consolida nome e obra na constelação musical brasileira. O homem definharia e surgiria o mito.



Neuza e Jackson em Olaria: vida de amor e atropelos. Cartaz promocional de disco (o pandeiro da imagem está no MAPP)

Com microfone semanal, uma tribuna de resistência

Ao final da década de 1970, a grande imprensa voltaria a reconhecer o talento do ritmista

Com Chico Anísio e Alcione, em programa de televisão

Capas de livretos de «modinhas» e disco, com Jackson e Almira repaginando a indumentária



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

1982 Viva o Rei!

“Redescoberto” por Gilberto Gil, Gal Costa, Chico Buarque, Geraldo Azevedo e outros «cabeludos», Jackson tem a agenda reativada, sendo convidado a se apresentar em palcos nunca antes navegados, como o Teatro Carlos Gil, o Opinião, João Caetano e espaços como os projetos “Seis e Meia”, “Nove e Meia” e “Pixinguinha”, aonde dividiria o palco com Anastácia, Alceu Valença e os jovens Cátia de França e Jarbas Mariz, sempre acompanhado do grupo “Borborema”, integrado pelos irmãos Cícero e Tinda, com o sanfoneiro Severo na última formação.

José Gomes Filho faleceria em 10 de julho de 1982, após passar mal durante um show em Brasília. No ano anterior lançara o último disco (“Isso é que é forró”) e conseguiria, nos derradeiros instantes de vida, ver retomado o prestígio pessoal e revigorada a música nordestina, cujo diversificado repertório adotara como sacerdócio. Cocos, baiões, sambas, marchas, rancheiras, batuques, frevos, maxixes, maracatus, fandangos, merengues, carimbós, rojões e dezenas de outros gêneros essencialmente brasileiros compuseram o universo musical gravado pelo “rei da divisão”.

Seus restos mortais repousam em Alagoa Grande, desde 2008. A obra, porém, continua espalhada e pulsante, fazendo tum-tum-tum no coração do Brasil.



Com Anastácia, em foto para divulgação do Projeto Pixinguinha

Monumentos em bronze do Rei do Ritmo, em áreas centrais de Campina Grande e João Pessoa: reconhecimento em casa

Em imagem de cartaz de show, com Fagner, Moraes Moreira e Zé Ramalho: a descoberta do mestre pelos «cabeludos»

Última foto, durante show em Brasília, tendo o irmão Cícero ao lado, o fiel escudeiro por toda vida



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

JACKSON É POP



JACKSON É POP! JACKSON É 100!

O paraibano Jackson do Pandeiro misturou as tradições rítmicas da mãe, a cantora de coco Flora Mourão, com as modernidades sonoras do seu tempo, entre Alagoa Grande, Campina Grande, João Pessoa e Recife, gerando um estilo inigualável em cantar, tocar e compor, produzindo um repertório diversificado e atemporal, pronto para ser redescoberto por esta e pelas próximas gerações de aficionados pela boa música genuinamente brasileira.

Foi ídolo popular. É ícone pop. Surpreendentemente contemporâneo.

Dono de uma voz marcante e afinadíssima, habilidoso ritmista, arranjador refinado e compositor atento, Jackson (nascido José Gomes Filho) deixaria como legado 433 gravações originais, entre cocos, sambas, frevos, baiões, xotes, xaxados, maracatus, rancheiras, marchinhas (juninas e carnavalescas), lapinhas, lamentos, batuques, arrasta-pés, e uma infinidade de outros gêneros do cancionero musical, credenciando-o a receber a coroa do “Rei do Ritmo”, chancela nobiliárquica que recebe o necessário e justo polimento na passagem do seu centenário de nascimento.

Detentor do maior acervo discográfico, documental e fotográfico do país em torno do pandeirista, o Museu de arte popular da Paraíba (conhecido como “Museu dos Três Pandeiros”), ligado à Universidade Estadual da Paraíba e ao Governo do Estado, apresenta ao público visitante uma versão “livre” da vida e obra do artista, ocupando seus espaços futuristas (projetados por Oscar Niemeyer) com exposições dinâmicas e interativas, adotando elementos gráficos, poéticos, iconográficos, sonoros e fílmicos que buscam traduzir aspectos clássicos ou pouco visíveis de suas contagiantes gravações, numa simbiose de sons, cores e tons, permitindo uma marcante introdução a esse universo lúdico repletos de possibilidades estéticas e conceituais.

Ouvindo – e vendo – Jackson do Pandeiro por um ângulo pós-tropicalista, projeta-se uma contribuição paraibana à perene construção da identidade e do patrimônio cultural do país, ávido por significações mais densas e duradouras, livre das amarras mercadológicas e fundamentalistas.

Jackson é 100! Jackson é pop!

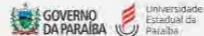








MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA



1919
No dia 31 de agosto nasce José Gomes Filho, na cidade de Alagoa Grande (PB)

1930
Morre o oleiro José Gomes, pai de Jackson do Pandeiro

1931
Flora Mourão e os filhos se mudam para Campina Grande e seguem a pé, numa viagem de 5 dias

1944
Jackson se muda para a capital, João Pessoa

1947
Morre Flora Mourão, em João Pessoa

1948
Se muda para Recife com orquestra montada pelo maestro Nôzinho e passa integrar o cast da Rádio Jornal do Comércio

1953
Explode com o sucesso **Sebastiana** e lança seu primeiro disco, pela gravadora Copacabana

1954
Se muda para o capital federal, Rio de Janeiro

1955
Se casa com a rádio atriz Almira Castilho

1957
Faz grande sucesso com a música **O Canto da Ema**

1959
Jackson grava a canção que viria a se tornar seu maior sucesso, **Chiclete com Banana**

1961
Jackson grava uma canção que é atual até os dias de hoje, **A Mulher Que Virou Homem**

1963
Revivendo suas memórias de Campina Grande, ele grava **Forró de Zê Lagoa**

1966
Grava o grande sucesso **A Ordem é Samba**

1967
Se separa da esposa Almira Castilho e se casa com Neuza Flores

1968
Jackson sofre um grave acidente de carro, quebrando os dois braços

1972
A obra de Jackson é redescoberta pelos artistas da Tropicália (Gil, Caetano, Gal...) e pelos jovens intérpretes do Nordeste

1977
Grava o grande sucesso composto por Dominginhos, **Sete Meninas**

1981
Grava o último disco com o sucesso **Tem Pouca Diferença**

1982
Dia 10 de julho morre em Brasília (DF)



CENA DO FILME "CALA A BOCA, ETELVINA"
(1959, DIREÇÃO DE EURÍPEDES RAMOS),
EM QUE JACKSON DO PANDEIRO E ALMIRA CASTILHO
CANTAM "BAIÃO" (LUIZ GONZAGA E HUMBERTO TEIXEIRA)

“Cumpades”

Zé de Baixo, Zé de Riba, Zé Leiteiro, Zé do Hangar, Zé Enxerido, Zé Mssaranduba, Zé Anum, Zé da Gamela, Zé Vicente, Zé Bedeu, Zé João, Zé Pilão, Zé Maleta, Zé Negão, Zé da Cota, Zé Quelé, Zé Cachoeira, Zé Lagoa, Zé do Beco, Zé Melado do Cotó, Zé Leal, Zé Pinheiro, Zé Brigão, Zé da Moita... Vige, como tem Zé!

* Todos os nomes “Zés” foram extraídos de canções do repertório de Jackson do Pandeiro.

Como tem Zé na Paraíba

Compositores: Manezinho Araújo e Catulo de Paula
Gênero: Rojão
Disco: a alegria da casa
Ano: 1962
Gravadora: Philips

Letra:

Vige como tem Zé
Zé de baixo, Zé de riba
Tesconjuro com tanto Zé
Como tem Zé lá na Paraíba (2x)

Lá na feira é só Zé que faz fervura
Tem mais Zé do que coco catolé
Só de Zé tem uns cem na Prefeitura
Outros cem no comércio tem de Zé
Tanto Zé desse jeito é um estrago
Eu só sei que tem Zé de dar com o pé
Faz lembrar a gagueira de um gago
Que aqui se danou a dizer Zé.
Refrão (2x)
Num forró que eu fui em Cajazeira
O cacete cantou e fez banzé
Pois um bebo no meio da bebedeira
Falou mal e xingou a mãe dum Zé
Como tinha só Zé nesse zunzum
Houve logo tamanho rapapé
Mãe de Zé era a mãe de cada um
No salão brigou tudo que era Zé.
Refrão (2x)
É Zé João, Zé Pilão e Zé Maleta
Zé Negão, Zé da Cota, Zé Quelé
Todo mundo só tem uma receita
Quando quer ter um filho, só tem Zé
E com essa franqueza que eu uso
Eu repito e se zangue quem quiser
Tanto Zé desse jeito é um abuso
Mas o diabo é que eu me chamo Zé (tá?)

Sebastiana

Compositor: Rosil Cavalcanti
Gênero: Rojão
Disco: compacto simples
Ano: 1953
Gravadora: Copacabana

Letra:

Convidei a comadre Sebastiana
Pra cantar e xaxar na Paraíba

Ela veio com uma dança diferente
E pulava que só uma guariba (2x)

E gritava: a, e, i, o, u, ypsilon (2x)
Já cansada no meio da brincadeira
E dançando fora do compasso
Segurei Sebastiana pelo braço
E gritei, não faça sujeira
O xaxado esquentou na gafeira
E Sebastiana não deu mais fracasso
Mas gritava: a, e, i, o, u, ypsilon (2x)

“Cumades”

Sebastiana, Zezé, Tertulina, Joana, Zefinha, Joana Francesca, Chiquinha, Maria Xenhenhem, Raimunda, Zefa, Mariana, Sofia, Cristina, Catirina, Aurora, Rosinha, Chica Cancão, Cremilda, Liodora, Totonha, Filomena, Mariquinha, Maria Pororoca, Josefa Tiburtino, Carminha Vilar, Sá Joaquina, Maria Bonita, Madalena, Maria Madalena, Fulorinda, Maria da Pá Virada, Maria do Hangar, Rosabela, Marieta, Gabriela, Juliana, Miriam, Soraia, Lara, Severina, Marilu, Salomé, Antônia Chiquinha, Filozinha, Rosalina, Julieta, Mariana, Eva, Chiquinha, Vitalina, Dagmar e Anastácia.

* Todos os nomes femininos foram extraídos de canções do repertório de Jackson do Pandeiro.





Feira Central de Campina Grande-PB
Foto: Fernando Moura

A FEIRA

A Feira de Campina Grande é o espaço histórico de formação da cidade, desde o ciclo colonial do gado e do algodão, mais tarde consolidada como centro comercial mais importante do interior nordestino. Dela se irradiou a urbe na sua feição contemporânea.

Na Feira, a família Flora Mourão, transitava e abria caminho para que o jovem José Gomes Filho, vivenciasse experiências sensoriais dos sons dos repentistas, coquistas e emboladores, visões, cheiros e sabores, que certamente impregnaria a formação sentimental do menino que logo mais seria tocador de tambor (herança vinda dos quilombos de Alagoa grande – PB), de bateria e pandeiro, e mais tarde de músico dos cabarés que pululavam na feira, naquele tempo ainda um centro popular de diversões, entre eles o famoso cassino Eldorado.

Um tempo de aprendizagem, que levaria o precoce instrumentista, transformar-se em Jackson do Pandeiro – o Rei do Ritmo.

A Feira, foi sua régua e compasso.



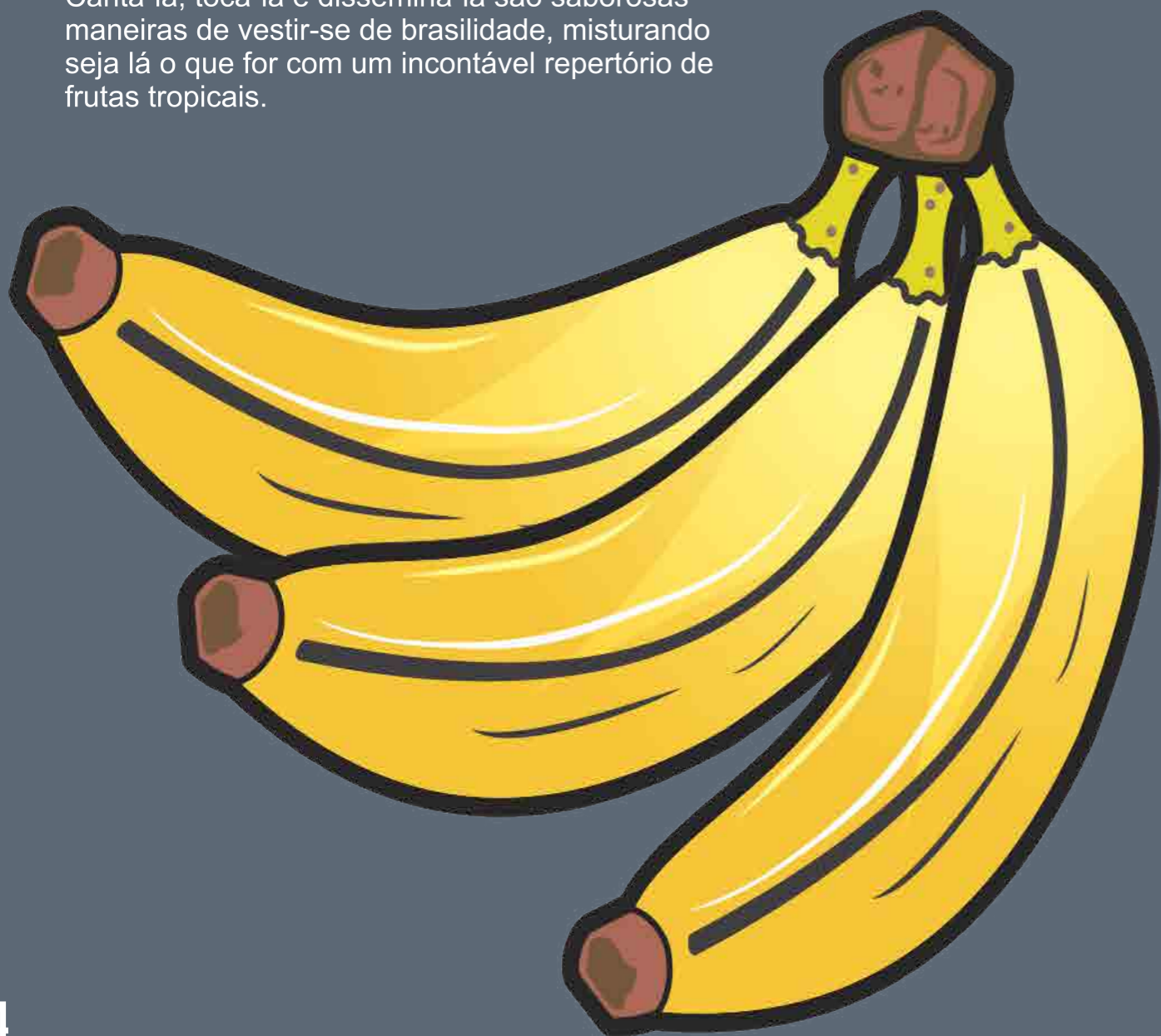
Chiclete com Banana

Mais que uma canção do repertório jacksoniano, “Chiclete com Banana”, de Gordurinha e Almira Castilho (com nítida participação do próprio Jackson, que não assinaria por ser de outra editora), é um verdadeiro libelo à música brasileira e aos possíveis diálogos que ela propõe com o resto do mundo, começando pelo Tio Sam.

Recheada de fina ironia e aberta às convergências sonoras, o samba circula o planeta desde seu lançamento, tendo sido a maior fonte de direitos autorais de Almira.

Por trás de sua leve irreverência está contida a séria política do rei do ritmo em valorizar a música brasileira, sem desdenhar de outras origens. Afinal, o próprio Jackson do Pandeiro bebeu em inúmeras fontes sonoras, misturou e cunhou um monumento à diversidade rítmica da nação.

Cantá-la, tocá-la e disseminá-la são saborosas maneiras de vestir-se de brasilidade, misturando seja lá o que for com um incontável repertório de frutas tropicais.



CHICLETE COM BANANA

Compositores: Gordurinha e Almira Castilho

Gênero: samba

Disco: compacto simples

Ano: 1959

Gravadora: Columbia

Letra:

Eu só boto bebop no meu samba
Quando Tio Sam tocar um tamborim
Quando ele pegar
No pandeiro e no zabumba.
Quando ele aprender
Que o samba não é rumba.
Aí eu vou misturar
Miami com Copacabana
Chiclete eu misturo com banana,
E o meu samba vai ficar assim:
Tururururu bop-bebop-bebop (3x)
Eu quero ver a confusão
Tururururu bop-bebop-bebop (3x)

Olha aí, o samba-rock, meu irmão
É, mas em compensação,
Eu quero ver um boogie-woogie
De pandeiro e violão.
Eu quero ver o Tio Sam
De frigideira
Numa batucada brasileira.



A pátria samba de chuteiras. Dribla no ziriguidum. Baila. Pega a pelota e faz telecoteco. O povo brasileiro vibra com a fibra dos craques germinados dos campinhos, dos campões, das várzeas, das praias, das quadras, dos quadões. Do chão para o coração do bom torcedor. Dos dedos de Jackson para o rojão da peleja.

Ontem e hoje, sempre haverá mais um para entrar na roda.

Quem é aquele moço com a bola no pé? É o rei Pelé? É Hulk? É Júnior? É Zico? É Sócrates? Poderia ser Didi, Garrincha, Vavá, Gilmar, Djalma, Zito, Zózimo, Zagalo, Nilton, Amarildo, "Parafuso"?

Seria jogador ou será torcedor? Não importa, desde que o jogo não seja um a um, sem precisar de esparrela ou de zunzunzum. Bestialidade não bate com futebol. Batida é pra ser no couro. Basta de baque, de bala, de bronca, de bofete. Barreira, só nas quatro linhas. Paredão, só abaixo do travessão. Ferrolho, só na ginga. Na arquibancada, batuque.

Tem é que ser bom com a bola no pé. De meia, de gude, de serra... De moleque, que tranque, amarre, puxe, largue, grite, chore, sofra e exploda de alegria. No peito, na raça, guardando ou erguendo a taça. De ouro, de bronze, de prata ou de lata. De qualquer cor. Encarnado, preto e branco.

Quem ouve o "Rei do Ritmo", torce e joga nas onze. No Flamengo ("...até morrer"), Corinthians, Botafogo, Vasco, Bom Sucesso, Olaria, Bangu, Santos, Fluminense, Santa Cruz, Atlético... Ou ainda – quem sabe? – o Treze(**).

Seja qual for o time, será sempre de primeira. Será eternamente 100!

(*) Adaptação livre de letras pinçadas do repertório de Jackson do Pandeiro, cuja temática futebolística é predominante: "1 X 1" (Edgar Ferreira), "4 X 1" (Damião Florêncio e José Gomes), "Frevo do Bi" (Braz Marques e Diógenes Bezerra), "Frevo do Tri" (Braz Marques e Álvaro Castilho), "Scratch de Ouro" (Maruim e Oscar Moss), "O Bom Torcedor" (Braz Marques e Jackson do Pandeiro), "A Taça Era Dela" (Waldemar Silva e Rubens Campos), "Bola de Pé em Pé" (Jackson do Pandeiro e Sebastião Batista), "Olé do Flamengo" (Jackson do Pandeiro e Braz Marques), "Samba do Ziriguidum" (Luiz Bittencourt e Jadir de Castro) e "O Rei Pelé" (José Gomes Filho e Sebastião Batista)

(**) Todos os nomes de jogadores e clubes constam do repertório selecionado, exceto o "Treze", da Paraíba, e "Parafuso" (apelido de Jackson quando morou e jogou no bairro de Zé Pinheiro, o "Zépa", em Campina Grande)

1x1

Compositores: Edgar Ferreira

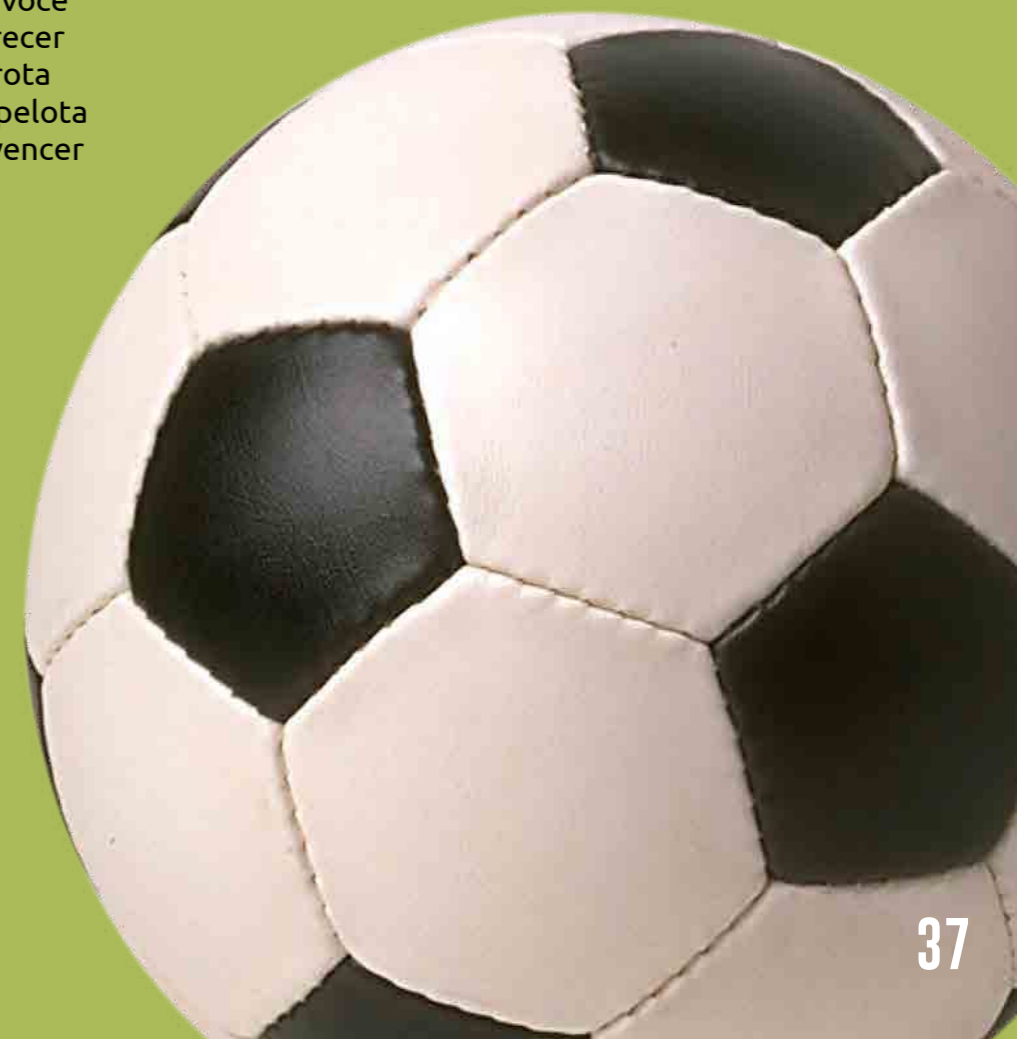
Gênero: coco

Disco: Compacto simples

Ano: 1953

Gravadora: Copacabana

Esse jogo não é um a um
Se meu clube perder é zum, zum, zum
O meu clube tem time de primeira
Sua linha atacante é artilheira.
A linha média é tal qual uma barreira
O center-forward corre bem na dianteira
A defesa é segura e tem rojão
E o goleiro é igual a um paredão
Esse jogo não é um a um...
Se meu clube perder é zum, zum, zum
É encarnado branco e preto
É encarnado e branco
É encarnado preto e branco
É encarnado e preto. (Bis)
O meu clube jogando, eu aposto
Quer jogar, o empate é pra você
Dou um "zura" a quem aparecer
O empate pra mim já é derrota
Mas confio nos craques da pelota
O meu clube só joga é pra vencer



SONATA CARNIVALINA

Cento e treze sambas gravados, em 28 anos de carreira discográfica, esfrelham a efigie erguida em torno da obra de Jackson do Pandeiro, esculpida em compreensíveis e justificáveis contornos meramente "forrozísticos".

Por baixo do pó de uma enraizada e displicente "segregação cultural" vê-se, camada por camada, a densidade brasileiríssima da arte plural de um nordestino singular.

Adicionando pinceladas de sambas de roda, de latada, sambaião, sambarock, sambajazz, frevos, marchas, batuques, maracatus e algumas outras misturas originais do "sambalanço" jacksoniano (como o rojão, de sua lavra e ginga), pode-se vislumbrar um outro lado envolvente do rei do ritmo, tão eloquente, convincente e reluzente quanto a epiderme do forrozeiro junino.

Jackson também é fevereiro.

Carnavalesco, "sambista nato" que não aprendeu na escola, legaria preciosos fonogramas, com mais de 200 canções direcionadas à folia carnavalesca, ajudando a amalgamar a maior festa popular do Brasil. Embalando tudo num pandeiro só.

Era samba que eles queriam? Ele tinha. Vinham de sonata? Ele ia de frevo. Mascavam chiclete? Ele descascava banana. Pediam bossa? Ele dançava maracatu, ao som de berimbaus.

Tem ficado cada vez mais difícil enquadrar Jackson do Pandeiro em uma determinada escola musical. Polcas, rancheiras, maxixes, calangos, reisados e carimbós se entrelaçam a cocos, baiões, xotes e xaxados, elevando a temperatura do forrobodó, dissipando dúvidas e corroendo certezas. Surpreendente a cada audição, melhor continuar carimbando-o como rei do ritmo, mesmo.

Mas nada impede de inseri-lo no reino do ziriguindum, membro da corte do balacobaco.

Pelos prêmios que abocanhou, pelos salões que esquentou e cordões que puxou, não seria nada estranho acrescentar outro título à sua vasta coleção: Jackson do Pandeiro, o "rei do carnaval". Batida de telecoteco, sincopado de baticumbum.

Quem concorda, destrava o pé.

Micróbio do Frevo

Compositores: Genival Macedo

Gênero: Frevo

Disco: compacto simples

Ano: 1954

Gravadora: Copacabana

Outras Gravações: Gilberto Gil e Silvério Pessoa

Eu só queria que um dia
O Frevo chegasse a dominar
Em todo o Brasil
O micróbio do Frevo é de amargar
Quando entra no salão é que
O povo prefere pra dançar
E cai na dobradiça
Não há quem possa parar (x2)
Eu queria que você um dia fosse
A Pernambuco pra vê
Como é feito o passo ao som
De uma orquestra pra valer
Empunhamos um chapéu de sol
E botamos uma dona de lado
E daí começamos a fazer
Um passo rasgado

Vou ter um troço

Compositores: Arnô Provenzano, Otolindo Lopes e Jackson do pandeiro

Gênero: Marcha

Disco: avulsas de carnaval

Ano: 1962

Gravadora: Philips

Intervenções vocais: ("aí!"), ("há dana-da!"), ("olha aí!")

Garota
Você é uma gostosura
Foi proibida
Pela censura (Olha aí)

Sai de perto de mim
Olhar pra você eu não posso
Me segura que eu vou ter um troço
Me segura que eu vou ter um troço

SANTOS

Cronista da realidade, não faltaria a Jackson do Pandeiro, a percepção da cultura africana na sua formação musical, cujo sincretismo da europeia viria constituir crenças e sonoridades que contribuíram para algumas das suas criações, onde ele, filho dessas raízes estaria envolvido.



Ogum de Malê

Compositores: Laesse Miranda e Antônio Nunes
Gênero: Ritmo de registro Batuque, ritmo identificado Maracatu
Disco: avulsas de carnaval
Ano: 1959
Gravadora: Columbia

Foi mamãe lemanjá quem mandou
Foi mamãe lemanjá quem mandou
Saravá, Ogum de Malê no Ilê

Foi mamãe lemanjá quem mandou
Foi mamãe lemanjá quem mandou

Ogum veio da beira mar
Foi mamãe lemanjá quem mandou
Foi mamãe lemanjá quem mandou
Saravá, Ogum de Malê no Ilê

Foi mamãe lemanjá quem mandou
Foi mamãe lemanjá quem mandou

Viva São João

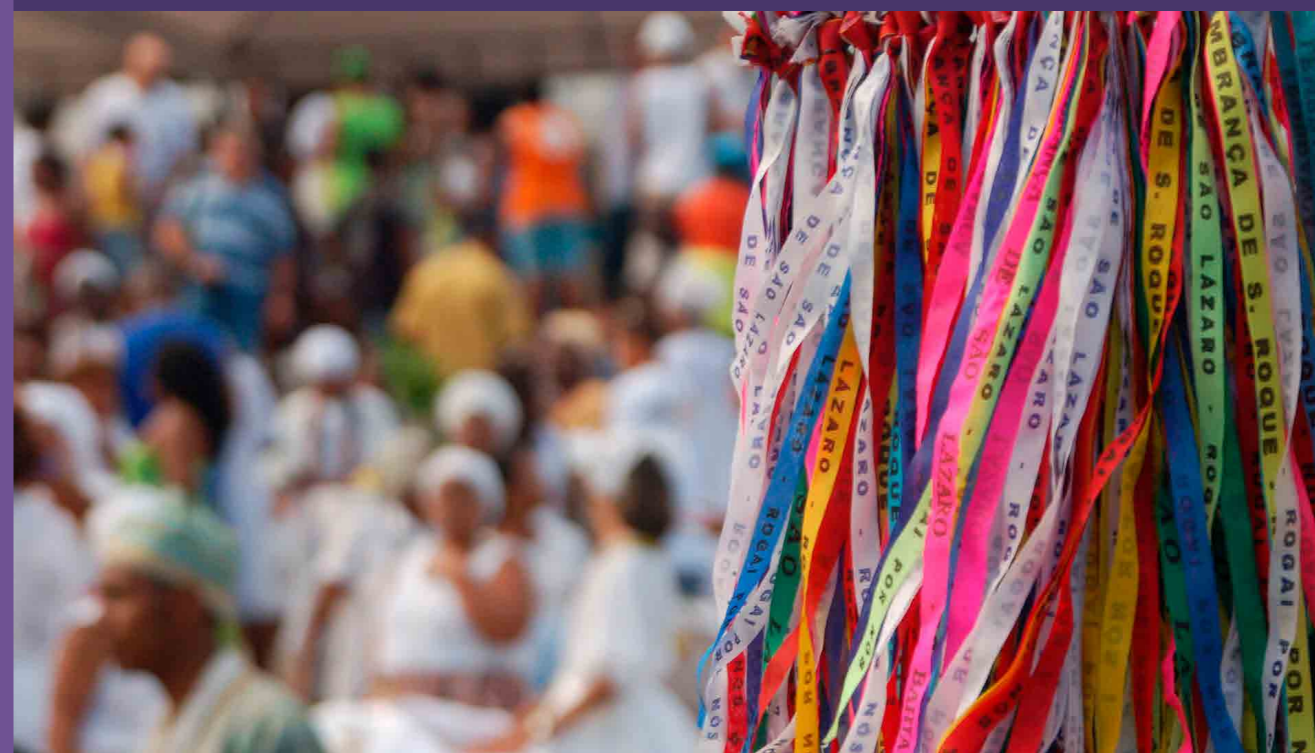
Compositores: Jackson do pandeiro e Buco do Pandeiro
Gênero: calango
Disco: São João no brejo com Jackson/Almira/Alventino Cavalcante e Zé calixto
Ano: 1964
Gravadora: PHILIPS

Como é bonito uma noite de São João
Lá pra banda do sertão
Só se vendo pra contar
Lá tem fogueira
Tem lanterna e tem balão
E é tão grande a animação
Que não se para de brincar
Um sanfoneiro todo ano é contratado
Pra tocar o mastigado
A noite inteira sem parar
Batata assada lá debaixo da fogueira
Tem canjica, tem pamonha, milho assado e mungunzá
E a moçada nunca para no salão
A gente come, bebe e dança
E grita Viva São João!

13 de Maio

Compositores: Nivaldo Lima e José Gomes Filho
Gênero: samba de roda
Disco: alegria minha gente
Ano: 1976
Gravadora: alvorada / Chantecler

Ô, Preto Velho apanhou
Ô, Preto Velho trabalhou
De sol a sol, sim senhor
Ô, Preto Velho foi cativo
Oh! Meu Deus por que motivo
Preto teve que penar?
Ô, quanto preto sofreu
Quanto preto morreu
Morreu de tanto apanhar
Quando raiou
O sol da liberdade
O preto cantou
Preto não sofreu mais humilhação
Porque o treze de maio chegou





Estrelas reluzentes do universo “Jasksoniano”, composto por músicos, intérpretes, compositores, instrumentistas e perpetuadores da obra diversificada e brasileiríssima do “Rei do Ritmo”.

ANTÔNIO BARROS
FULÔ MIMOSA
ELBA RAMALHO
GILBERTO GIL
ZÉ RAMALHO
ROSIL CAVALCANTI
JOÃO DO VALE
ZÉ DANTAS
SILVÉRIO PESSOA
CHICO SCIENCE
LENINE
ANASTÁCIA
GENIVAL LACERDA
GAL COSTA
TOM ZÉ
CÁTIA DE FRANÇA
JARDES MACALÉ
JARBAS MARIZ
MORAES MOREIRA
ALCEU VALENÇA
GERALDO AZEVEDO
HERBERT VIANA
BASTIANAS
PEDRO SERTANEJO
GUINGA
BRÁULIO TAVARES
CHICO CÉSAR
CARLOS FERNANDO
PAULO GRACINDO
ZÉ GOMES
OSVALDO OLIVEIRA
GENIVAL MATIAS
PAULO RÓ
O RAPP
GERALDO PEREIRA
NARA LEÃO
THE FUNK FUNCKERS
DJAVAN

MESSIAS HOLANDA
MARTINHO DA VILA
RITA LEE
ERASMNO CARLOS
DJANA MIRANDA
RENATA ARRUDA
SANDRA DALÊ
NATALIA BEIJAR
GERALDO CORREIA
ELINO JULIÃO
ALMIRA CASTILHO
NEUZA FLORES (MASCOTE)
TOTONHO
PEDRO OSMAR
LUIZINHO CALIXTO
ZE CALIXTO
PINTO DO ACORDEON
SEVERO
RAIMUNDINHO
ZÉ DANTAS
XANGAI
MANOEL SERAFIM
ABDIAS
EDGAR FERREIRA
ALCYMAR MONTEIRO
ASSISSÃO
NANDO CORDEL
MARINÊS
TON OLIVEIRA
MARIA BETHÂNIA
EDSON CORDEIRO
NÕZINHO
ARY LOBO
ELIS REGINA
BILIU DE CAMPINA
ALCIONE
FERNANDA ABREU
CAPILÉ

SANTANA
GRANDE OTELO
NEZITA BARROSO
CARMÉLIA ALVES
PARRÁ
JACINTO SILVA
BEZERRA DA SILVA
ISAÍAS VICENTE
ERIVAN ARAÚJO
JACKSONS ENVENENADOS
FAGNER
CHICO BUARQUE
ZECA PAGODINHO
MOACIR SANTOS
GUERRA PEIXE
JORGE VEUGA
JORGINHO DO IMPÉRIO
HERMERTO PASCHOAL
ZÉ GONZAGA
JOÃO GILBERTO
CLARA NUNES
DOMINGUINHOS
OS TRÊS DO NORDESTE
TRIO NORDESTINO
SEVERINO ARAÚJO
ANA CAROLINA
LIVARDO ALVES
SEU PEREIRA
OS NONATOS
OS FULANOS
CABRUÊRA
CLÁ BRASIL
DONA FLORA
LUCY ALVES
CHIQUITO
ELY PORTO



OS RITMOS DO REI DE A a Z

1. 1 x 1 (coco)
2. 4 x 1 (baião)
3. 13 de maio (samba de roda)
4. 17 na corrente (baião)
5. A base de bala (samba)
6. A cadeira do rei (samba)
7. Acenderam a fogueira (arrasta pé)
8. Aconteceu (samba)
9. Acorda meu povo (samba)
10. Acorrentado (baião)
11. Adeus pandeiro - INÉDITA
12. Adivinhação (samba)
13. Aestória do anel (samba)
14. A feira (polca)
15. A fogueira do coroné (arrasta pé)
16. Água com leite (forró)
17. Ai, Tertulina (xote)
18. Alegria do vaqueiro (baião)
19. Alegria minha gente (samba de roda)
20. Alô Campina Grande (rojão)
21. Alô Palmeira dos Índios (rojão)
22. A luz do saber (samba de roda)
23. Amigo do norte (samba)
24. Amolador (baião)
25. Amor de mentirinha (xote)
26. Mulher do Anibal (coco)
27. A mulher que virou homem (forró)
28. A negra Balançou (marcha)
29. A onda passou (samba)
30. A ordem é samba (samba)
31. Aprimeira lição (xaxado lento)
32. Aproveite mais sua vida (xaxado lento)
33. Aquele pé de pitomba (forró)
34. Aquilo bom (forró)
35. Aqui tô eu (rojão)
36. Arrasta pé em santa Rita (rojão)
37. A saudade dói (samba)
38. Assunto novo (arrasta pé)
39. A taça era dela (samba)
40. A tentação do cão (xote e samba)
41. A tuba da muié (rojão)
42. Atum (forró)
43. Auê berimbau (forró)
44. A vida dos outros (samba)
45. A-a bá (forró)
46. Babá de babá (samba)
47. Babá de cachorro (samba)
48. Babalaô (samba)
49. Baião (baião)
50. Baião do arrojado (baião)
51. Baião do bambolê (baião)
52. Baião mineiro (baião)
53. Balança moçada (coco praiano)
54. Balança do frevo (frevo)
55. Balançaram a roseira (rojão)
56. Balanço de Maria (baião)
57. Beira mar (baião)
58. Bloco do pega pega (marcha)
59. Boa noite (baião)
60. Boa vida (samba)
61. Bodocongó (samba)
62. Boi brabo (baião)
63. Boi da cara preta (marcha)
64. Boi de canga (rojão)
65. Boi misterioso (baião de viola)
66. Boi tungão (reisado)
67. Bota gás no lampião (arrasta pé)
68. Brasil batata (marcha)
69. Bumba meu boi (maracatu) .
70. Cabeça feita (rojão)
71. Cabo Tenório (rojão)
72. Cabra feliz (coco)
73. Cachimbo chato (xote)
74. Cacumgarunquê (samba)
75. Cajueiro (coco)
76. Canoeiro novo (arrasta pé)
77. Cantiga da perua (rojão)
78. Cantiga do sapo (coco)
79. Cantigas do São Francisco (forró)
80. Capoeira de zumbi (samba)
81. Capoeira mata um (samba)
82. Capoeira no baião (baião)
83. Carreira de veio é chôto (xote)
84. Carrêro (baião)
85. Carta pro norte (baião)
86. Casaca de couro (arrasta pé)

87. Casamento com cheque (samba)
88. Caso de polícia (samba)
89. Catirina (rojão)
90. Cheguei agora (forró)
91. Chiclete com banana (samba)
92. Chico Bendengó (arrasta pé)
93. Chico chora (rojão)
94. Chô piau (samba de roda da Bahia)
95. Chuva e sol (baião)
96. Chuvão (forró)
97. Coco de improviso (coco)
98. Coco do norte (coco)
99. Coco social (coco)
100. Começa já (arrasta pé)
101. Comigo não (samba)
102. Com muita razão (rojão)
103. Como tem Zé na Paraíba (rojão)
104. Competente demais (samba)
105. Comprei um berimbau (samba)
106. Coração bateu (rojão)
107. Coração velho (rojão)
108. Corre gira (marcha)
109. Cremilda (xote)
110. Criando cobra (rojão)
111. Cumpadre João (coco)
112. Curandeiro (samba de roda)
113. Ca eu pra ela (arrasta pé)
114. Da licença (reisado)
De araque Zé (samba)
115. De araraê (samba)
116. Deixa clarear (arrasta pé)
117. De lascar o cano (forró)
118. De Mi a Mi (rojão)
119. De pé no chão (arrasta pé)
120. Desamparado (samba)
121. Desconfiança (samba)
122. De tamanco na mão (marcha)
123. Dezesete setecentos (xote)
124. Dia de beijada (samba de latada)
125. Direitos iguais (samba)
126. Dona Totonha (rancheira)
127. Dose pra elefante (marcha)
128. Dr. Boticário (xote)
129. É bom demais (marcha)
130. É de lei (samba)
131. Ele disse (baião)
132. Empatou (samba)
133. Entra na roda (samba)
134. É só balanço (swing)
135. Esquindô lêlé (arrasta pé)
136. Esse ano vai ser bom (samba de latada)
137. Estrela do mar - Inédita
138. Éta baião (baião)
139. Eu caso com você (rojão)
140. Eu e dona Maria (samba de roda)
141. Eu não vou chorar (arrasta pé)
142. Eu só quero tu (marcha)
143. Eu vim de longe (samba)
144. Eu vi o sanssarê (samba)

145. Eu vou de caipirinha (marcha)
146. E vou pra lá (forró)
147. Eu vou subir (rojão)
148. Falsa patroa (samba)
149. Falso toureiro (coco)
150. Feito de manteiga (xote)
151. Festa no arraial (rojão)
152. Filomena e Fedengoso (xote)
153. Fole remendado (xote)
154. Forrobodó (forró)
155. Forró de Surubim (forró)
156. Forró de Zé lagoa (rojão)
157. Forró do Bia (samba)
158. Forró em Campina (rojão)
159. Forró em Caruaru (rojão)
160. Forró em casa amarela (forró)
161. Forró em Limoeiro (rojão)
162. Forró na gafeira (rojão)
163. Forró quentinho (forró)
164. Frevo do bi (frevo)
165. Frevo do tri (frevo)
166. Fuá em João Alfredo (forró)
167. Garota de botafogo (samba)
168. Garoto de caculé (baião)
169. Ginga da mulata (samba)
170. Grilo na moringa (rojão)
171. Herança de meu pai (rojão)
172. História de lampião (xaxado lento)
173. Iê iê iê no cariri (rojão)
174. Imagem do cão (rojão)
175. Império serrano (samba)
176. Índio valente (marcha)
177. Injustiça (arrasta pé)
178. Jacaré bebeu (samba)
179. Jaraguá (reisado)
180. Já rolei (samba)
181. João Sortudo (samba jazz)
182. Jogada na rua (samba)
183. Lágrima (samba)
184. Lamento cego (baião)
185. Lamento de jangadeiro (samba)
186. Lapinha de Jerusalém (reisado)
187. Lá vai a boiada (sambaíão)
188. Lá vem mulher (marcha)
189. Lá vou eu (samba)
190. Lei da compensação (forró)
191. Liberdade demais (samba)
192. Lição de tabuada (baião)
193. Linda (samba)
194. Língua ferina (rojão)
195. Madalena (rojão)
196. Mãe Maria (rojão)
197. Mãe solteira (coco)
198. Mais um pouquinho (samba)
199. Mamãe sereia (maxixe)
200. Mana, cadê meu boi (samba de roda)
201. Mandauá (baião)
202. Mané cochilou (arrasta pé)
203. Mané Gardino (rojão)

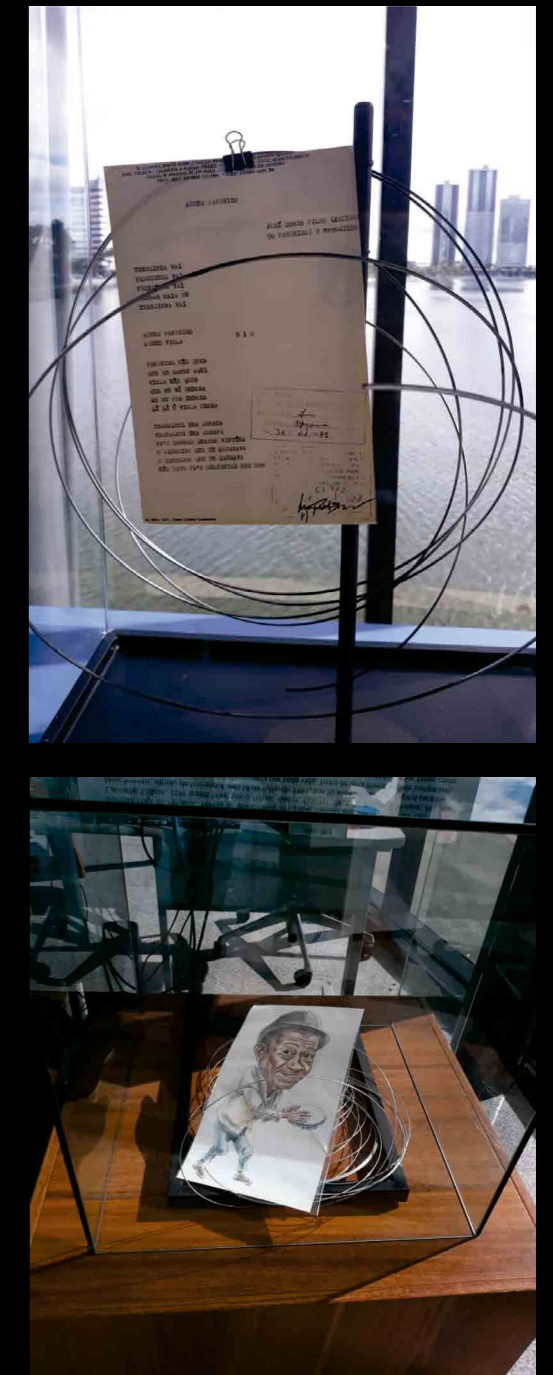
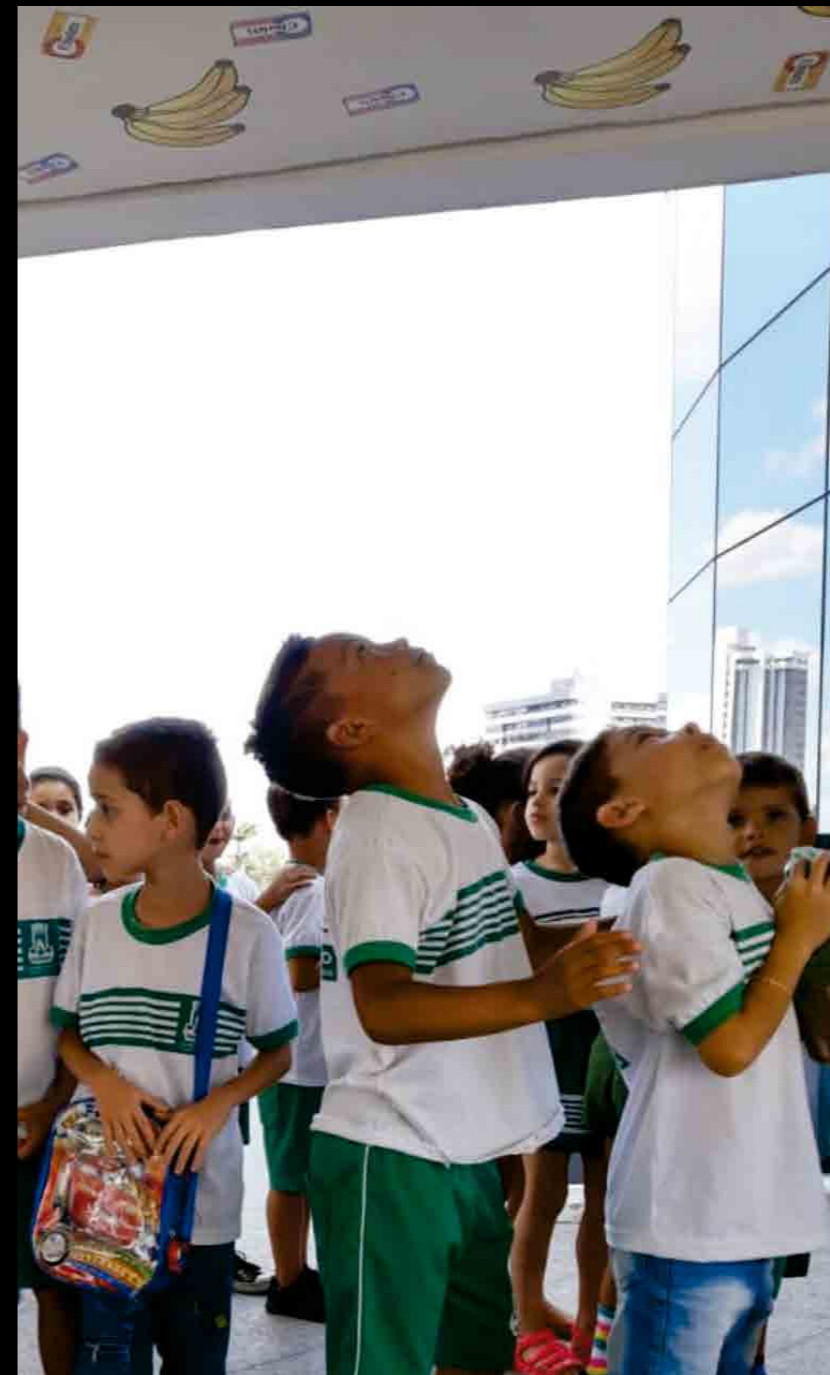
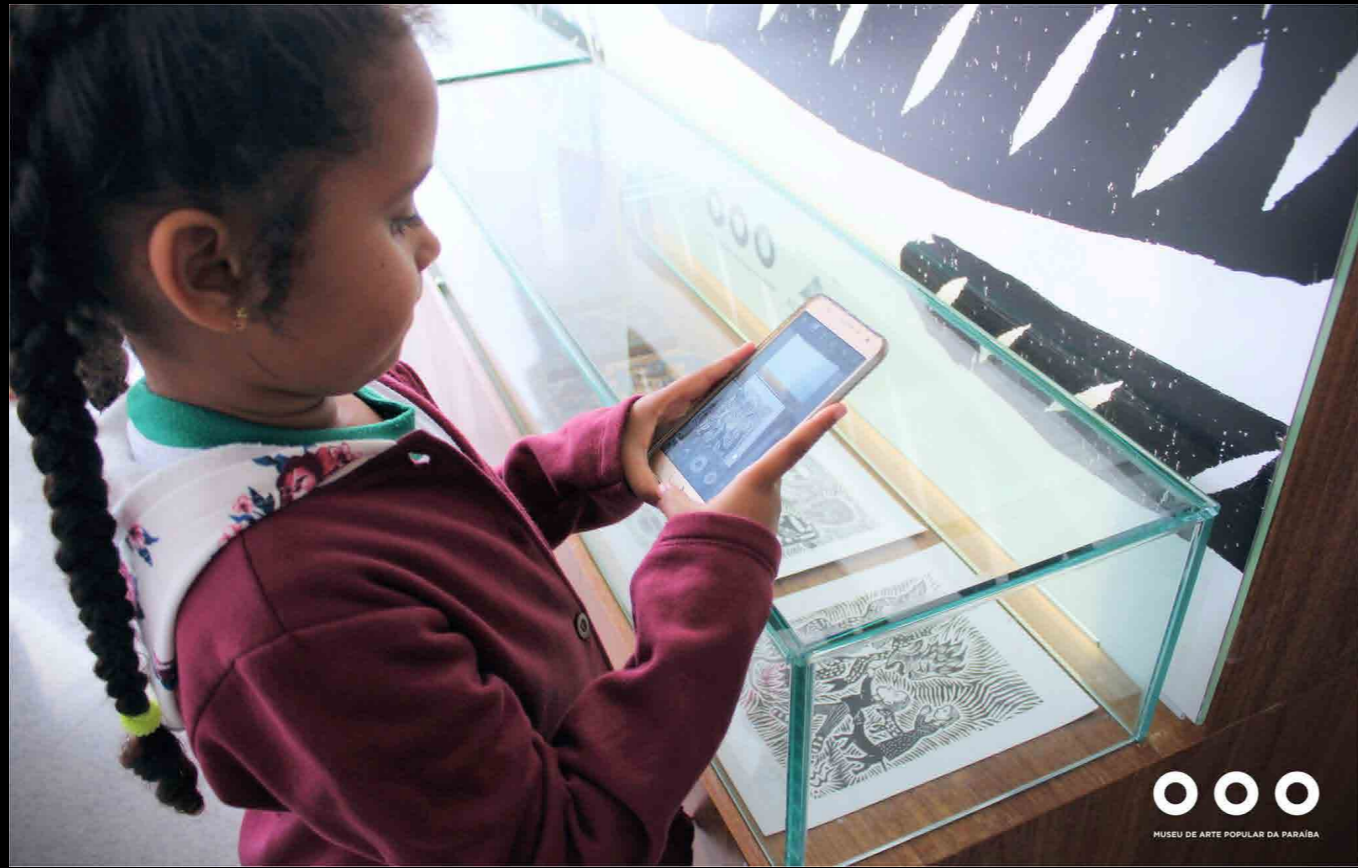
204. Mania de mangar (xote)
205. Manuscrito - Inédita
206. Mão na toca (marcha)
207. Marcha do desprezo (marcha)
208. Marcha das tamancas (marchas)
209. Marcha da tremedeira (marcha)
210. Marco emocional - Inédita
211. Maré vai (rojão)
212. Maria da pá virada (samba)
213. Maria do angá (rojão)
214. Maria gasolina (marcha)
215. Marieta (Samba de latada)
216. Mazagão (rojão)
217. Me dar um cheirinho (frevo)
218. Meu amor me bateu (marcha)
219. Meu berimbau (samba de roda)
220. Meu enxoval (samba)
221. Meu fole velho (rojão)
222. Meu fracasso (samba)
223. Meu passarinho fugiu (samba)
224. Meu patrão (samba)
225. Meu santo é brasa (marcha)
226. Meu senhor (samba)
227. Meu veneno (coco)
228. Micróbio do frevo (frevo)
229. Minha marcação (marcha)
230. Minha Zabelê (rojão)
231. Moleque de morro - Inédita
232. Morena bela (arrasta pé)
233. Moxotó (xote)
234. Muié moderna (rancheira)
235. Mulher careca (marcha)
236. Mulher malvada (forró)
237. Mundo de paz e amor (forró)
238. Mundo novo (rojão)
239. Na base da chinela (rojão)
240. Na base do berimbau (marcha)
241. Na beira da praia (maxixe)
242. Não me falta nada (rojão)
243. Não sei a hora (samba)
244. Não sou sapateiro (forró)
245. Naquela base (marcha)
246. Nem o banco do Brasil (samba)
247. Nem vem que não tem (xote)
248. No balanço do baião (samba rock)
249. No quebradinho (baião)
250. Nortista quatrocentão (baião de viola)
251. Nosso amor (samba)
252. O assunto é berimbau (samba)
253. O assunto é dinheiro (forró)
254. O balaieiro (rojão)
255. O balanço da nega (samba)
256. O balanço vai (samba)
257. O bem amado (xote)
258. O boi manhoso (rojão)
259. O bom torcedor (marcha)
260. O bom xaxador (baião)
261. O canto da ema (rojão)
262. O crime não compensa (rojão)

263. O desordeiro (samba)
264. O dono do morro (samba)
265. O galo cantou (samba)
266. O gato (samba de roda)
267. O gato do romeu (marcha)
268. Ogum de malê (maracatu)
269. O lavrador (rojão)
270. Olé do Flamengo (samba)
271. Olha o vento (baião)
272. O meu e o seu (samba)
273. O morro cai (samba)
274. O navio tá bom na marcha (arrasta pé)
275. Onde está você (samba)
276. O nosso amor gorou (marcha)
277. Opai da Gabriela (forró)
278. O pau rolou (samba de roda)
279. O povo falou (rojão)
280. O pracinha (baião)
281. O protetor (coco)
282. O puxa saco (arrasta pé)
283. O que era favela (samba)
284. O que vai com a maré (rojão)
285. O rei Pelé (rojão)
286. O retirante (rojão)
287. O retrato dela (arrasta pé)
288. O samba e o pandeiro (samba)
289. O samba melhorou (samba)
290. Os cabelos de Maria (rojão)
291. O solteirão (xote)
292. O trabalhador (samba)
293. O trabalho que deu (rojão)
294. O velho gagá (marcha)
295. O vento (rojão)
296. Pacífico e pacato (polca)
297. Pai orixá (samba de roda)
298. Papagaio do futuro (forró)
299. Papai vai de trem (samba)
300. Papel crepom (marcha)
301. Parabéns Guanabara (maxixe)
302. Passarinho abandonado (samba)
303. Pássaro bacurau (xote)
304. Passe na lapa (samba)
305. PENERO gavião (rojão)
306. Perdoarei (samba)
307. Pinacapai (samba)
308. Pisei num despacho (samba)
309. Pombo correio (marcha)
310. Praia do Janga (forró)
311. Preciso me casar (arrasta pé)
312. Preguiçoso (rojão) .
313. Procurando tu (world music)
314. Proibido no forró (forró)
315. Quadro negro (rojão)
316. Quebra galho (rojão)
317. Que coisa chata (marcha)
318. Queima Judas (samba)
319. Quem não chora não mama (marcha)
320. Quem não sabe beber (forró)
321. Quem samba fica (samba)

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 322. Quem tem um não tem nenhum (forró) | 377. Tarimá (coco praiano) |
| 323. Quem ver cara não ver coração (xote) | 378. Ttá roendo (samba) |
| 324. Querer e não poder (samba) | 379. Tatu (marcha) |
| 325. Quero aprender (xaxado) | 380. Te consola comigo (samba) |
| 326. Quero sambar (forró) | 381. Tem jabaculé (samba) |
| 327. Rainha de Tamba (coco) | 382. Tem mulher, tô lá (xote) |
| 328. Ralabucho (xote) | 383. Tempero de peixe é bom (forró) |
| 329. Revendo amigos (forró) | 384. Tenha dó de mim (cumbia) |
| 330. Retirante (arrasta pé) | 385. Terreirada (marcha) |
| 331. Rio quatrocentão (polca) | 386. Tililingo (baião) |
| 332. Rio, são Paulo e vice versa (samba) | 387. Tipo violão (arrasta pé) |
| 333. Rodopio (forró) | 388. Tô com a macaca (marcha) |
| 334. Rojão de Brasília (baião de viola) | 389. Tombou o pau (forró) |
| 335. Rolando rolando (samba) | 390. Três pedidos (rojão) |
| 336. Romeu e Julieta (frevo) | 391. Tum tum tum (baião) |
| 337. Rosa (rojão) | 392. Twist, não (samba e Twist) |
| 338. Rosalina (samba) | 393. Urubu (marcha) |
| 339. Roubei a moça (carimbó) | 394. Urubu molhado (forró) |
| 340. Sabidinha (arrasta pé) | 395. Vai e vem (frevo) |
| 341. Raia rôta (samba) | 396. Vai levando (samba) |
| 342. Ramambaia trepadeira
(samba de latada) | 397. Valsa neném (forró) |
| 343. Ramba de calolé (samba) | 398. Vamos chegar pra lá (arrasta pé) |
| 344. Ramba do birim bimbim (samba) | 399. Vamos pra roça (arrasta pé) |
| 345. Ramba do ziriguindum (samba) | 400. Vamos saculejar (forró) |
| 346. Ranfona braba (rancheira) | 401. Vassoureiro (baião de viola) |
| 347. Ranta Clara clareou (rojão) | 402. Veja quem perdeu (samba) |
| 348. Ranto Antônio, são Pedro e são João
(arrasta pé) | 403. Velho sapeca (marcha) |
| 349. Rão João chegou (arrasta pé) | 404. Vem amor (rojão) |
| 350. Rão João é isso (arrasta pé) | 405. Vem cá Maria (samba de latada) |
| 351. Rão João na roça (arrasta pé) | 406. Verdadeiro amor (samba) |
| 352. Rão João no brejo (arrasta pé) | 407. Véspera e dia de são João (coco) |
| 353. Rão Tomé (samba) | 408. Vila Mariana (coco) |
| 354. Raravá o endá (maracatu) | 409. Viola afinada (baião) |
| 355. Rarrabulho (baião) | 410. Vitalina (rojão) |
| 356. Raudade de um amigo (samba) | 411. Viva meu rio - Inédita |
| 357. Rcratch de ouro (samba) | 412. Viva são João (calango) |
| 358. Sebastiana (rojão) | 413. Você e eu (xote) |
| 359. Secretario do diabo (samba) | 414. Você já era (xote) |
| 360. Reguro morreu de velho (samba) | 415. Voltou chorando (samba) |
| 361. Rem cabeça (forró) | 416. Vou buscar Maria (rojão) |
| 362. Remente do bem (rojão) | 417. Vou de tutano (xote) |
| 363. Rem querer (samba) | 418. Vou gargalhar (samba) |
| 364. Rereno cai (rojão) | 419. Vou lhe buscar (samba) |
| 365. Rerenou (samba) | 420. Vou me casar (reisado) |
| 366. Rete brasas (marcha) | 421. Vou sambalançar (samba) |
| 367. Rete meninas (forró) | 422. Vou sambar (samba) |
| 368. Rina de cigarra (rojão) | 423. Vou ter um troço (marcha) |
| 369. Ró ficou fará fa fa (samba) | 424. Vou ver papai Noel (samba) |
| 370. Ronata do frevo (frevo) | 425. Xarope de amendoim (cha cha cha) |
| 371. Sou eu teu amor (frevo) | 426. Xenhenhem (forró) |
| 372. Sou invocado (rojão) | 427. Xexéu de bananeira (coco) |
| 373. Tá como o diabo gosta (marcha) | 428. Xodó de motorista (samba) |
| 374. Tambor de crioula (rojão) | 429. Xodó de sanfoneiro (forró) |
| 375. Tá na hora do vai (marcha) | 430. Xodó no forró (forró) |
| 376. Tapa na boca da noite (samba) | 431. Xote de Copacabana (xote) |
| | 432. Zabumba (baião) |



Exposição Jackson é Pop
Museu de Arte Popular da Paraíba 2019



Rojão de Brasília

Compositores: José Gomes filho e João do vale

Ano: 1961 Gravadora: Philips

O Brasil esta construindo
Mais uma grande cidade
Que antigamente foi sonho
E hoje é realidade
Ta ficando povoado
Todo o meu Brasil central
Riqueza próprias e glória
Trouxe a nova capital
A gente vê em Brasília
Estradas que não tem fim
Pergunta para o
candango
E ele responde assim:
Aquela vai pra São
Paulo
Rio Grande e Paraná
A outra pra
Pernambuco
E essa vai pro Pará
Vai cortando a mata
virgem
Que nem o sol penetrou
Ligando de norte a sul
Nosso Brasil, nosso
amor
O planalto é tão lindo
Que a gente tem a
impressão
Que tem ali bem
pertinho
O céu encosta no chão
Quem tiver de malas
prontas
Pode ir que se da bem
Leve todos os
cacarecos
Leve seu xodó também
Vê se você leva aos homens
Porque mulher lá não tem



O arquiteto Oscar Niemeyer, traçando as primeiras linhas do que seria o MAPP, fotografado pelo co-autor do projeto, Cydno Silveira.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

ANTONIO GUEDES RANGEL JUNIOR
Reitor

FLÁVIO ROMERO GUIMARÃES
Vice Reitor

RICARDO SOARES DA SILVA
Chefe de Gabinete

ÍTALO BRITO VILARIM
Chefe Adj. De Gabinete

JOSÉ CRISTOVÃO DE ANDRADE
Pró-Reitora de Cultura

FRANCISCO PEREIRA JÚNIOR
Pró-Reitor Adjunto de Cultura

KERRY ANNE VASCONCELOS DE OLIVEIRA
Pró-Reitora Adj. de Gestão Administrativa

JOSÉ LUCIANO ALBINO BARBOSA
Pró-Reitor de Planejamento e Orçamento

Maria José Lima da Silva
Pró-Reitora de Pós Graduação e Pesquisa

CIDOVAL MORAIS DE SOUZA
Pró-Reitor Adj. De Pós Graduação e Pesquisa

ELI BRANDÃO DA SILVA
Pró-Reitor de Graduação

ALTAMIR SOUTO DIAS
Pró-Reitor Adj. De Graduação

ELIANE DE MORURA SILVA
Pró-Reitora de Ensino Médio, Técnico e à Distância

JOSÉ PEREIRA DA SILVA
Pró-Reitor de Extensão

MARIA DO SOCORRO BARBOSA E SILVA
Pró-Reitora Adj. de Extensão

MARIA NÚBIA DO NASCIMENTO MARTINS
Pró-Reitora Estudantil

ANDRÉ BARBOSA CARNEIRO
Pró-Reitor Adj. Estudantil

CÉLIA REGINA DINIZ
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

ANA PAULA LIMA
Pró-Reitora Adj. de Gestão de Pessoas

ELIANA MAIA VIEIRA
Pró-Reitora de Gestão Administrativa

ÁLVARO LUÍS PESSOA DE FARIAS
Pró-Reitor de Infraestrutura

MARIA CHEYENNE RIBEIRO GUEDES ISIDRO ABÍLIO
Pró-Reitora Adj. de Infraestrutura

GIOVANA CARNEIRO PIRES FERREIRA
Pró-Reitora de Finanças

ULISSES ALBINO FARIAS
Pró-Reitor Adj. de Finanças

MARINA TORRES LIMA
Procuradora Geral

THIAGO ARRAES LIMA
Procurador Geral Adjunto



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA JÚNIOR
Diretor

Curadoria:
FERNANDO MOURA
ANGELO RAFAEL FARIAS
SANDRINHO DUPAN
JOSEILDA DE SOUSA DINIZ
ALFRÂNIO GOMES DE BRITO

MARIA DA GUIA MATOS
Secretária

Equipe Técnica:
Adefácio de Abreu Moreira
Cintia Camila O. Emiliano
Filipe Augusto J. Chaves
Laert Pinheiro Ferreira
Ramon Lima de O. Tavares
Vinicius Vasconcelos Bronzeado
Washington Miguel de Moraes

Monitoria:
Alunos da UEPB

Coordenação:
Cássia Lobão

Design e Comunicação:

CODECOM
Júlio César

Mídias
Hipólito Lucena

Agradecimentos:
Kromme - www.kromme.com.br

Imagens e textos das exposições e catálogo
Arquivo do Museu de Arte Popular da Paraíba
(83) 3310-9738 | mapp@uepb.edu.br



MESA DIRETORA	COORDENAÇÃO DO PROJETO
PRESIDENTE	Secretaria de Comunicação Social,
Rodrigo Maia (DEM/RJ)	Centro Cultural Câmara dos Deputados
1º VICE-PRESIDENTE	SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Marcos Pereira (PRB/SP)	Fabio Schiochet (PSL/SC)
2º VICE-PRESIDENTE	DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Luciano Bivar (PSL-PE)	David Miranda
1ª SECRETÁRIA	DIRETORA DO CENTRO CULTURAL
Soraya Santos (PR/RJ)	Isabel Martins Flecha de Lima
2o SECRETÁRIO	NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA
Mário Heringer (PDT-MG)	COORDENAÇÃO
3º SECRETÁRIO	Clauder Diniz
Fábio Faria (PSD/RN)	PRODUÇÃO
4º SECRETÁRIO	Clarissa de Castro
André Fufuca (PP/MA)	EXECUÇÃO PROJETO EXPOSITIVO
SUPLENTE	Ely Borges
Rafael Motta (PSB/RN)	MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO
Geovania de Sá (PSDB/SC)	André Ventorim
Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL)	Edson Caetano
Assis Carvalho (PT/PI)	Paulo Titula
	Wendel Fontenele
	MATERIAL GRÁFICO
	Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA
	EXECUÇÃO DE PAINÉIS EXPOSITIVOS
	Seção de Obras Cívicas- SEROB/ COENG /DETEC
	IMPRESSÃO E ADESIVAGEM
	WL Serviços
	AGRADECIMENTOS
	Cristiano Magalhães de Pinho

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>
Brasília, outubro de 2019



Jackson do Pandeiro - 100 anos

No mais longe recanto brasileiro
Do Sudeste, do Sul, Nordeste ou Norte
Onde houver um forró soará forte
A lembrança de Jackson do Pandeiro.
Descendente de um povo humilde e ordeiro
Demonstrou pra cantar um dom febril
Logo viu-se um talento pastoril
Ascender muito além do chão ardente
Galgar fama e ser merecidamente
O maior ritmista do Brasil.

Alfrânio Gomes de Brito



Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social